

[TT00162]

Os Meirinhos

Martins, Pena

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

Os Meirinhos

PERSONAGENS

MANUEL PIABA

JOÃO PATAQUINHA - meirinhos.

JOSÉ PATUSCO

COIÓ CHEM_CHEM, dono de bilhar.

FRÓIS FIGUEIRAS.

FLORÊNCIO, rico negociante.

JÚLIA, sua filha

AUGUSTO, amante de Júlia.

MARIA NAVALHA, Mulher de Manuel.

jogadores de bilhar.

ATO ÚNICO

CENA I

O teatro, na antecena, representa uma sala... Portas laterais , mesas de um e outro lado; no fundo, três portas que deitam para outra sala, onde se vê um bilhar em que jogam diferentes pessoas, e outras sentadas em bancos ao redor, diversamente vestidas - tudo como se observa nessas casas de jôgo. (N.B. Durante a representação jogam bilhar, com as modificações que vão marcadas.)

MANUEL e JOÃO PATAQUINHA, sentado à mesa da esquerda , escrevendo; MANUEL PIABA, sentado à direita, bebendo. Na sala de bilhar jogam.

JOÃO - (ESCREVENDO) "... que tão injustamente lhe foi delapidada, pertencendo-lhe estas propriedades como em juízo mostrara. Portanto pede a V. Sa. se digne mandar citar o suplicado para comparecer na primeira audiência dêse Juízo, E. P.M. Citei ao supli(cado) hoje, 20 de junho de 1945, do que dou fé e passei esta por me ser pedida. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1945, do que dou fé e passei esta por me ser pedida. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1945. João da Assunção Amor Divino, oficial de justiça de Juízo Municipal." (FALANDO) - Está pronta a contra-fé... Bom, tenho os meus dez tostões ganho(s). Vai bem o dia... (CHAMANDO) Manuel Piaba?

MANUEL - O que queres, João Pataquinha?

JOÃO - Que horas são?

MANUEL - Não sei.

JOÃO - O teu relógio?

MANUEL - Empenhei-o antes de ontem na Rua da Cadeia por quatro mil-réis, e desta enormíssima quantia estou bebendo os últimos vinténs...

(OLHANDO PARA A GARRAFA) - Quero dizer , já bebi...

JOÃO - Estás com a onça?

MANUEL - O que queres? Deus pôs o homem no mundo para beber e comer; é preceito católico. Enquanto há, bebe-se; quando não há , bebe-se ainda e come-se dos amigos. Para isso é (que) se inventaram os amigos.

JOÃO - Queres tu jogar uma mãozinha de trinta-e-um?

MANUEL - Vá feito. (LEVANTANDO-SE) - Mas olha que eu estou na disgra, e quando jogo secam-se as goelas de modo que temo ficar danado...

JOÃO - (CHAMANDO) Ó ócio?

MAUNEL - Pagas?

JOÃO - Pago.

MANUEL - Bravíssimo, venham as cartas.

JOÃO - (CHAMANDO) O Chem-Chem do diabo?

CHEM-CHEM - (NA OUTRA SALA) O que é lá?

JOÃO - Vem cá... Aqui estão as cartas. (TIRA DA ALGIBEIRA DA CASACA UM

Os Meirinhos

BARALHO DE CARTAS MUITO SUJO) Embaralha tu. (ENTRA CHEM_CHEM)

CHEM-CHEM - Tu é que me chamaste, Piaba?

MANUEL - Não, foi João Pataquinha.

JOÃO - Manda-me uma garrafa da branca.

MANUEL - Sim, sim , da branca , que é mais fresca e corroborante.

CHEM_CHEM - Já vem... (SAI)

MANUEL - A real o tento?

JOÃO - Sim... anda...

MANUEL - (DANDO AS CARTAS) Três e três... o diabo que te fez... estás para mim doce... muito bem... é trunfo... às de copas ... joga lá... que és a mão...

CHEM_CHEM - (ENTRANDO COM UMA GARRAFA) Aqui está.

MANUEL - Ora venha êsse godório da bela bicuíba...

CHEM_CHEM - Não querem mais nada?

JOÃO - Não. (CHEM_CHEM SAI)

MANUEL - (DEITANDO AGUARDENTE NO CORPO) Nada no mundo põe o homem com idéias mais claras do que um pingo de filosofia ... à tua... (BEBE)

JOÃO - (BEBENDO) Para que vivas mil anos.

MANUEL - (DEPOIS DE BEBER, CANTANDO) Ora dêem-me da branca , senão desmaio; ora dêem-me da branca , senão desmaio. (FALANDO) Querida beladona, milagrosa senhora!

JOÃO - (JOGANDO) Joga.

MANUEL - Espera, que a sobredita cuja ficou-me atravessada nas goelas; é preciso empurrá-la. (DEITANDO AGUARDENTE NO CORPO)

JOÃO - Acabarás por ficar bêbado... E assim é que um indivíduo só como tu desacredita um corporação; encontram-te moafa na rua, e depois dizem - Todos os meirinhos são assim! - sem fazerem diferença dos bons e maus.

MANUEL - Quem , eu ? Bêbado! Com este néctar brasileiro? (BEBENDO) Isto dá Juízo, a filosofia do Juízo. Ah, que pinga! E viva a pátria! Vamos. (JOGAM) É tua , joga. Ah, sô pinote, esta agora é do meco... Não podes comigo.. Toma lá esta para teu sabão.

JOÃO - E esta para teu tabaco... Disto não pescas...E esta vai quentinha... paus nos dias maus...

MANUEL - E carapaus, é minha...

JOÃO - Para cá vens de carrinho...

MANUEL - Chupa mais esta. (JOGANDO COM ENTUSIASMO)

JOÃO - Ai que conheces a fôrça dos pastéis de nata.

MANUEL - E a mana é nata?

VOZES - (DENTRO , NA SALA DE BILHAR) Bravo a carambola, bravo! Ganhou, ganhou! Bravíssimo, bem jogando!

JOSÉ - Não foi carambola!

VOZES - Foi, foi ! Não foi!

JOSÉ - Arrastou o taco , é ladroeira!

VOZES - É ladroeira! Não é ! Ladrão será ele!

MANUEL - Que diabo é lá isso?

VOZES - (DENTRO ,GRITANDO) Vinte e cinco pontos! Roubados! Perdeu! Ganhou! Ladrão ! Patife! (CONFUSÃO NA SALA DE BILHAR, E OS JOGADORES JOGAM ÀS BORDOADAS COM OS TACOS. JOSÉ GRITA COMO DESESPERADO, E CHEM_CHEM ESFORÇA-SE PARA APAZIGUAR A CONTENDA)

JOÃO - Pegaram-se.

MANUEL - É o diabo do José Patusco.

JOÃO - (CHAMANDO) - Ó Patusco?

MANUEL - Ó José Patusco? Ó maluco do diabo, vem cá.

CENA II

Entra JOSÉ PATUSCO, trazendo ainda o taco na mão.

JOSÉ - (ENTRANDO) Cambada, corja!

MANUEL - O que foi isso lá?

JOSÉ - O que havia ser? O patife do Antônio Pé-Pé que arrastou o taco assim e fêz uma carambola. Qual carambola! Para ganhar-me Ladrão!

JOÃO - Deixa-o lá, senta-te aqui e vem jogar conosco.

MANUEL - E beba um gole desta sempre-viva. (DEITANDO NO COPO.)

JOSÉ - Não bebo, não tenho teus maus costumes.

MANUEL - Não queres? Isto assim no copo perde o fartum. (BEBE E ESTRALA OS LÁBIOS. JOGAM.)

JOÃO - Para que temestes com esta canalha?

JOSÉ - Ora, o l'argent faz-me cócegas nas algibeiras.

MANUEL - Olé, tens l'argent comptant?

JOSÉ - Algunzinho, Piabinha.

JOÃO - Como o ganhaste?

JOSÉ - Ontem pela manhã tivemos ordem de dar em uma casa aonde haviam meias_caras. A diligência havia de ser feita a noite , mas eu, que já sei por experiência como se vive no mundo, fui mais que depressa contar tudo ao dono dos meias-caras, e quando lá chegamos à noite os melhores estavam fora do ninho.

MANUEL - E isto rendeu-te...

JOSÉ - Cinqüenta mil-réis.

JOÃO - Bravo!

JOSÉ - Regra geral: tôda a vez que uma maroteira render mais do que o comprimento de um dever, haverá no mundo maior de velhacos do que de homens de bem.

MANUEL - É verdade; tu ganhaste cinqüenta mil-réis por uma maroteira, e eu, uma sova de pau por cumprir ontem meu dever.

JOÃO - Como foi lá isso?

MANUEL - Um sujeito lá de Inhaúma devia certa quantia a outro cá da cidade, e não a queria pagar. O credor, à custa de muito empenho, obteve um mandado de penhora e escolheu - me para executá-la. Aluguei um cavalo no Largo da Sé - que bacamarte ! - , levei dois formidabilíssimos tombos no caminho - que caminhos! Também a Câmara Municipal não vê isso! - e chegando à casa do executado apresentei-lhe o mandado , e o patife, em vez de se prestar ao andamento da Justiça de boa vontade , puxou por um pau, e agora verás...

JOSÉ (e) JOÃO - (RINDO-SE) Ah, ah, ah!

MANUEL - Vocês riem-se? Cá tenho o lombo em pandarecos! E se não deito a correr como um veado, lá ficava-me o canastro.

CENA III

FRÓIS e os ditos.

FRÓIS - Manuel, Piaba?

MANUEL - Que é lá? Ah, Fróis! (MANUEL FALA COM A DIFICULDADE DAS PESSOAS QUE PRINCIPIAM A FICAR COM AS IDÉIAS PERTUBADAS PELO VINHO)

FRÓIS - Preciso muito de ti. (MANUEL LEVANTA-SE E VAI COM FRÓIS PARA O LADO ESQUERDO DO TEATRO. JOSÉ E JOÃO FICAM A MESA, JOGANDO.)

MANUEL - Para quê?

FRÓIS - Vou hoje tirar uma moça por justiça.

MANUEL - Tu? E quem é a moça?

FRÓIS - A filha de meu antigo amo Florêncio Antônio.

MANUEL - A filha do Florêncio, de um negociante tão rico ,quer casar contigo? Estais zombando.

FRÓIS - Vê-lo-ás. Queres ou não acompanhar-me? A sege está a nossa espera.

MANUEL - Acompanho-te habilidade de arranjares esse casamento tão rico?

FRÓIS - Nada mais fácil . Sabes que fui durante dois anos caixeiro do Florêncio, pai de minha bela, e enquanto tratava dos negócios do pai namorava a filha.

MANUEL - E por isso te pôs êle no ôlho da rua. Ah, ah!

FRÓIS - Não foi só por isso. Dizia êle que eu em vez de cuidar nos seus negócios, gastava todo o meu tempo nos botequins e bilhares.

MANUEL - Lá isso é verdade. Aqui neste bilhar foi eu te conheci. E faço-te justiça, gastavas dinheiro como um príncipe , pagavas a pinga...

FRÓIS - Para que serve o dinheiro , senão para gastar-se?

MANUEL - É verdade. Principalmente quando êle não é nosso

FRÓIS - Hem?

MANUEL - Tenho cá minhas desconfianças que andavas também namorando do dinheiro de teu amo.

FRÓIS - Quem te disse?

MANUEL - Suponhamos que assim era, e continua.

FRÓIS - Tivesse ou não razão, pôs-me para fora de sua casa; mas eu , nada de deixar o namoro... Assim era eu asno!

MANUEL - Se a coisa estava pagada...

FRÓIS - Mais que pegada. A menina estava mesmo pelo beijo - que tolinha! - apesar da côrte que lhe fazia um tal senhor Augusto, amigo do velho. Mas êsse é um toleirão, pensa que se namoram as moças do tempo de hoje com suspiros e olhadelas a futuro.. Eu cá tenho o meu sistema... Cartinhas sobre cartinhas, promessas as mãos cheias ,e toca para diante. Comprometê-las, oferecendo-se a ocasião. Não há nada como comprometer uma moça ; ao depois alcança-se delas tudo.

Os Meirinhos

MANUEL - Sim, e às vezes também uma arrojada de pau da parte dos parentes.

FRÓIS - Quem nada arrisca nada tem. Demais , aí está o resultado para justificar-me. Tanto fiz, que até arranquei da menina uma cartinha - aqui a tenho - e graças ao seu conteúdo, vou hoje tirá-la por justiça... E tenho a minha fortuna feita; pai possui para mais de duzentos contos ; ela é filha única . Teremos bom dote e depois a herança.

MANUEL - Sim , sim, conta com isso... Não vê que cansado êle a filha contra sua vontade há-de dar dote. E quem sabe mesmo se a não deserará?

FRÓIS - (RINDO-SE)Ah, ah, ah! Não dar dote! Deserdá-la! Ou és tolo, Piada, ou queres-me fazer de tolo. Quem tira moça rica por justiça já sabe como estas coisas se fazem, e calcula muito bem. Ah, se calcula! Nos primeiros dias o pai ou a mãe lograda gritam, esbravejam: "Filha ingrata, abandonar sua mãe que tanto a estimava! Perversa! Quem o diria? Ingrata, ingrata!" No fim de uma semana já a coisa está mais serenada e principiam a lembrarem-se da filha com saudades . Então aparecem as amigas e os amigos: Ora, senhora dona Fulana, ora senhor Fulano, ela sempre é sua filha... Fêz mal, verdade , mas enfim o mal está feito; lembre-se que é seu sangue, na sua filha , que viverá na miséria, se a não perdoar. Estas e outras lamúrias, que a maior parte das vezes são de encomendas, e a natureza, que sempre puxa...

MANUEL - Ah, se puxa ! Puxa.

FRÓIS - Acalma tôda a indignação , perdoa-se a filha rebelde e aí vem o dote cantando... Isto são favas contadas! É cálculo que não falha, por isso há tantas moças tiradas por justiça.

MANUEL - Então os que tiram moça rica por justiça não se importam com os pais e as mães?

FRÓIS - E para que? Nós o que queremos é o consentimento das moças . A sábia e providente natureza que se encarregue de consolar os pais e mães e trazê-los a razão . Tu não sabes, Piaba, que fôrças tem o vínculo sagrado do sangue, o grito da natureza, o amor maternal. Ah, ah!

MANUEL - (À PARTE) Êste vai longe no mundo ; é velhaco!

FRÓIS - Enfim, caro Piaba, meteu-se-me na cabeça que havia de ser rico . E como não tenho grande vontade de trabalhar, nem paciência para esperar anos pela riqueza, procurei uma herdeira rica; é um meio de fazer fortuna como outro qualquer, e mais suave...

MANUEL - Se a mulher não é o diabo.

FRÓIS - Nesse caso, meu Piaba, fica-se com o dinheiro, e manda-se o diabo para o inferno. Espera, preciso falar com Chem_Chem. Ó Chem- chem? (CHAMANDO)

MANUEL - O que queres com êle?

FRÓIS - Tenho que lhe falar.

CHEM_CHEM - (À PORTA DO FUNDO) Quem me chama?

FRÓIS - Escuta.

CHEM_CHEM - Oh, é tu? (APROXIMA-SE) Que temos? (ENQUANTO FRÓIS PRATICA COM CHEM_CHEM , MANUEL APROXIMA-SE DA MESA AONDE ESTÃO JOÃO E JOSÉ E COM ÊLES MOSTRA QUE FALA.)

FRÓIS - Quero-te dar parte que me caso.

CHEM_CHEM - Sim? E com quem?

FRÓIS - Com um peixão.

CHEM_CHEM - Fala francês?

FRÓIS - O quê?

CHEM_CHEM - Pergunto se ela fala francês, ou se traduz só. (ASSIM DIZENDO ESFREGA O DEDO POLEGAR NO DEDO INDICADOR COM QUEM QUER PERGUNTAR SE TEM DIZENDO.)

FRÓIS - Oh, fala perfeitamente... E que linda pronúncia que tem!

CHEM_CHEM - Belo é isso. E quando o casório?

FRÓIS - Em duas ou três horas. Vou agora mesmo daqui com o amigo Piaba tirá-la por justiça.

CHEM_CHEM - Ah, maroto, já me admirava que não fizesse (s) das tuas..

FRÓIS - Mas meu caro CHEM_CHEM , eu tenho um grande favor que pedir-te; ficar-te-ei muito agradecido e mesmo te recompensarei depois que receber o dote.

CHEM_CHEM - Conta comigo.

FRÓIS - Eis o caso. Se eu não tiro neste quarto de hora a moça da casa do pai, êsse , que já anda meio desconfiado, é capaz de embargar-me a vasa; por outro lado, se tiro já a dita, não posso levá-la imediatamente para a igreja e casar-me , porque me faltam certos papéis.

CHEM_CHEM - E que queres tu que eu faça?

FRÓIS - Eu te digo. Vou já tirar a menina; isto concluído, deposito-a em tua casa, enquanto arranjo os papéis, e volto depois.

CHEM_CHEM - Oh, homem desalmado! Depositá-la aqui... Uma menina em um bilhar? E demais, não tenho família e isso seria feio. Uma menina que será tua mulher?

FRÓIS - E o que tem isso? É um momento.

CHEM_CHEM - Sim, mas ela estranhará, deve espantar-se e...

FRÓIS - Estás enganado. Quem se deixa tirar por justiça não se espanta por tão pouco. Fazes ou não por favor?

CHEM_CHEM - Por mim estou as tuas ordens. Tenho aquele quarto e lá ficará. A tua observação convence-me.

FRÓIS - Obrigado! Manuel, vamos.

MANUEL - (PARA JOSÉ E JOÃO) Esperem-se, que já volto. (SAI COM FRÓIS)

CENA IV

JOÃO e JOSÉ à mesa , e depois MARIA.

JOÃO - Já o Piaba achou freguês.

JOSÉ - Sempre disse que êle é mais feliz do que nós.

JOÃO - É, é , mas o diabo não ajunta pecúnia, tudo é tudo é pouco para a beladona.

JOSÉ - Está bom, parla pouco e joga, Pataquinha da minha alma. Deixa-o beber, que bebe do que é seu (AQUI ENTRA MARIA NAVALHA DE MANTINHA PELA CABEÇA.)

JOÃO - (VENDO-A) Que bruxa é essa que aí vem?

MARIA - SR. José Patusco?

JOSÉ - Oh, és tu, Maria Navalha?

MARIA - O senhor viu por cá meu marido, Manuel Piaba?

JOSÉ - Não há cinco minutos que daqui saiu.

MARIA - Para onde foi?

JOSÉ - Não sei.

MARIA - Voltará?

JOÃO - Disse-nos que sim.

MARIA - Esperarei . Dá licença que me assente?

JOÃO - Pois não. (MARIA ASSENTA-SE)

JOSÉ - Quer tomar um godório?

MARIA - Obrigada.

JOÃO - Então anda procurando seu marido?

MARIA - O que quer o senhor? Desde ontem pela manhã que saiu de casa ainda lá não voltou. Nem vintém deixou-me para comer .Isto são modos? Se o encontro , ponho-lhe a minha marca.

JOSÉ - Safa, rascada! (LEVANTA-SE)

JOÃO - Onde vás?

JOSÉ - Dar algumas voltas. (SAI)

MARIA - Ah, Sr. João, dê graças a Deus não ser o senhor casado com um marido como o meu. Aí vem gente.

CENA V

FLORÊNCIO e os ditos.

FLORÊNCIO - Perdoe-me , o senhor é oficial de justiça?

JOÃO - (LEVANTANDO-SE) Para o servir.

FLORÊNCIO - Quisera que se encarregasse deste mandado de prisão.

JOÃO - Pois não. (TOMANDO O MANDADO)

FLORÊNCIO - Êsse mandado é lançado contra Fróis Figueiras, como falsificador de firma.

JOÃO - Fróis Figueira?

FLORÊNCIO - Conhece-o?

JOÃO - Muito. Deixe o caso por minha conta , que há-de ficar satisfeito com a diligência.

FLORÊNCIO - E além da paga da lei, serei generoso.

JOÃO - Vou executá-lo quanto antes. Falsificador? Que tratante! (SAI)

CENA VI

FLORÊNCIO e MARIA sentada a mesa.

FLORÊNCIO - (A PARTE) Tenho sido até hoje indulgente com esse moço que por dois anos foi meu caixeiro. Cansado de aturar seus vícios e extravagâncias e exasperado pelo seu atrevimento em namorar minha filha, expulsei-o de minha casa. Dos vícios ao crime o caminho é escorregadiço... Dois meses depois de sair de minha casa, foi-me apresentada uma letra por mim aceita e cuja firma reconheci ser falsa; paguei porque minha assinatura estava perfeitamente imitada. Indagando ao depois, soube que o autor desse crime era esse mesmo moço. Tive compaixão de sua mocidade e não dei por isso andamento ao processo que o levaria a expiar o crime nas galés. Mande avisar-lhe que muito bem conhecia (d) onde partia o atentado ; mostrou-se arrependido e eu o supus emendado. Como enganei-me ! Avisaram-me ontem que ele premedita roubar minha filha. Ainda que não possa crer em semelhante arrojado, bom será acautelar-me . Quis ser compassivo e eles obriga-me a persegui-lo . Assim o quer, assim o tenha... Daqui a duas ou três horas já não o temerei; as portas da cadeia fechar-se-ão sobre êle. Vamos para casa; bom será tomar por lá também as necessárias precauções. (SAI)

CENA VII

MARIA, só.

MARIA - Que diabo estava êste velho a resmungar? Se fôsse mulher , diria que anda atrás do marido ; mas sendo homem, não sei... Decerto não procura mulher. (OUVE-SE O RADAR DE UMA SEGE, QUE PÁRA) Aonde estará o meu Piaba? Ah, se o pesco, meto-lhe êste cinco anzóis pelas goelas...

CENA VIII

Entra MANUEL seguido de JÚLIA , que virá envolta em um grande xale e um véu pela cabeça. MANUEL está completamente bêbado.

MANUEL - CHEM-CHEM? Ó Chem- Chem?

MARIA - (À PARTE) Ai, que é ele... E trás uma mulher! (ESCONDE-SE ATRÁS DA MESA, ABAIXANDO-SE)

CHEM-CHEM - (ENTRANDO) O que é lá?

MANUEL - Aqui está esta moça do Fróis, sabe?

CHEM-CHEM - Sei . Venha cá , minha senhora.

JÚLIA - Mas para onde me conduzis, senhor?

MANUEL - Não tenha medo, que não somos papões.

MARIA -(À PARTE) Que quererá isto dizer?

JÚLIA - (À PARTE) Meu Deus, deixar-me êle aqui com pessoa que eu não conheço e com um companheiro neste estado!

CHEM-CHEM - A senhora não é a pessoa tirada por justiça pelo Sr. Fróis?

JÚLIA - Sim senhor.

MANUEL - Foi êle mesmo, compadre, que a tirou , e ainda em cima pagou-me a bela da pinga.

CHEM-CHEM - O Sr. Fróis , meu amigo , pediu-me que a tivesse aqui depositada por alguns instantes, enquanto ia concluir certos arranjos para se poder casar.

JÚLIA - Depositada aqui, em uma casa de bilhar ! Ah , eu supus, quando êle deixou-me à porta, que estava em uma casa de família.

CHEM-CHEM - Estamos em família.

JÚLIA - Quero-me ir embora.

CHEM-CHEM - (RETENDO-A) Esperai, agora é tarde. Para que vos deixaste (s) tirar por justiça? Tive animo para isso e não tem agora para demorar-se aqui um instante? Ora , gosto dêstes momos! Sou macaco velho , menina; não me logra como logrou seu pai. Esta casa é muito capaz.

MANUEL - Capacíssima! A pinga é excelente!

JÚLIA - Saiamos daqui, que da outra sala nos observam. (À PARTE) Meu Deus, já me vou arrependendo do passo que dei! Vamos.

CHEM-CHEM - É o mais acertado. (VÃO PARA O QUARTO DA ESQUERDA) Pode entrar. (JÚLIA SAI)

CENA IX

CHEM-CHEM e MANUEL , e MARIA escondida.

MANEUL - Coió, és um homem as direitas.

COIÓ - O peixe não é mau.... E a fazer-se de tímida... Ora! (AQUI MARIA VEM-SE APROXIMANDO DÉLES)

MANUEL - (PARA COIÓ) Dá cá um abraço.

COIÓ - (ARREDANDO-SE) Chega-te para lá. Bebeste tanto no caminho?

MANUEL - (SEGUINDO-O) Não bebi, deram-me a beber . Dá cá um abraço (ABRAÇA-O)

COIÓ - Peior. (EMPURRA, E VOLTANDO AS COSTAS SAI. MANUEL VAI CAINDO SOBRE MARIA, QUE O SUSTÉM.)

MARIA - Estás seguro!

MANUEL - Que é lá? Oh, diabo!

MARIA - Agora é que havemos de ajustar nossas contas.

MANUEL - A conta do vinho bebido está paga; se queres pagar outra...

MARIA - Olhem como está isto! Não tens vergonha ? Como está bêbado!

MANUEL - Bêbada estás tu, que estás andando à roda

m

MARIA - Isto ? Assim é que um maroto dêste desacredita os companheiros que são homens sérios e bem morigerados.

MANUEL - Apoiadíssimo!

MARIA - Depois pagam uns pelos outros.

MANUEL - Tu pagas? Vamos a ela, à filosofia!

MARIA - Quem é aquela mulher que trouxeste?

MANUEL - Aquela? (RINDO-SE) A, ah, ah!

MARIA - De que te ris? Quem é ela?

MANUEL - É uma mulher , como tu.

MARIA - Mas quem é ? Como se chama?

MANUEL - Como se chama?

MARIA - Sim.

MANUEL - Chama-se .. Já não me lembro , mas fui eu que a tirei da casa do pai.

MARIA - Tú? E para quê?

MANEUL - É boa! Para se casar comigo.

MARIA - Ah, contigo? Como está esta cabeça!

MANUEL - Comigo ,sim! Então pões dúvida? Tu já não prestas, estás velha ,acabada, preciso casar-me de novo e tirei aquela. E viva a pátria!

Os Meirinhos

MARIA - Hei-de saber quem é.

MANUEL - (RETENDO-A) Espera ... que te enfio!

MARIA - Deixa-me! Quem sabe se não é mesmo alguma amante tua... Larga-me; quero vê-la.

MANUEL - (RETENDO PELO LENÇO) Diabo! (ESFORÇAI-SE CADA UM PARA SEU LADO, E MANUEL, DESPRENDENDO-SE DE MARIA, CAI DE COSTAS)

MARIA - É bem feito! E coitada dela , se fôr tua amante. (SAI PELA ESQUERDA.)

MANUEL - (DEITADO NO CHÃO) Espera... Hem? Não responde? Isto está a cair... É um pião , o mundo ... Anda às avessas; devia andar assim , e anda assim. Então , não respondes? (CANTANDO) Bravo minha vida ,sou todo seu!

JÚLIA - (DENTRO) Senhora, que me quereis?

MANUEL - (NO MESMO) Quem vem lá? Passe de largo! (CANTANDO) Ora de-me da branca, senão desmaio.

JÚLIA - (DENTRO) Deixai-me! Quem me socorre?

MANUEL - (SENTANDO-SE) Quem vem lá? Temos inimigos pela pôpa.

JÚLIA - (DENTRO GRITANDO) Quem me socorre, quem me socorre? (CHEM-CHEM E TODOS OS QUE ESTÃO NO BILHAR ACODEM AO GRITO , MANUEL LEVANTA-SE)

CHEM-CHEM - O que é? O que foi?

MANUEL - Inimigos pela retaguarda. (JÚLIA SAI DO QUARTO CORRENDO ADIANTE DE MARIA)

JÚLIA - Deixai-me, deixai-me!

MARIA - (SEGUINDO-A) Quero saber quem sois.

CHEM-CHEM - (O que é isso?

JÚLIA - (CORRENDO PARA CHEM-CHEM) Livrai-me desta mulher!

MANUEL - Façaalto!

CHEM-CHEM - Sossegue! (PARA MARIA) o que foi a senhora fazernaquele quarto?

MANUEL - Apoiadíssimo!

MARIA - Saber quem era esta senhora.

CHEM-CHEM - E que se importa com isso?

MANUEL - Apoiadíssimo!

MARIA - Muito. Meu marido, este beberrão...

MANUEL - Não há-de quê.

MARIA - (CONTINUANDO) ... foi quem a trouxe, e eu qeuria saber se era sua amante.

JÚLIA - Meu Deus, a que aviltamento me reduziste! Para que deixei a casa de meu pai?

CHEM-CHEM - (PARA MARIA) Já daqui para fora!

CENA X

Entra FRÓIS.

FRÓIS - Que bulha é esta?

JÚLIA - (CORRENDO PARA ÊLE) Fróis!

FRÓIS - Júlia, o que foi ? O que aconteceu-te?

JÚLIA - Leva-me daqui, vamos!

FRÓIS - Chem-chem, o que fizeram a esta senhora?

CHEM-CHEM - Foi esta mulher.

MARIA - Veja lá como fala...

MANUEL - Veja lá, hem? (AQUI APARECE NO FUNDO JOÃO, SEGUIDO DE DOIS COMPANHEIROS, E VEM-SE APROXIMANDO POUCO A POUCO DE FRÓIS)

JÚLIA - Vamos, vamos , leve-me dêste horrível lugar ! Não posso , não devo estar aqui mais tempo.

FRÓIS - Nada temas agora que estais a meu lado , e perdoa-me se por alguns instantes deixei-te entregue aos insultos desta canalha.

TODOS - (INSULTADOS) Canalha?

FRÓIS - Sim, canalha!

JÚLIA - Fróis!... (RUMOR ENTRE OS JOGADORES)

FRÓIS - Venham agora insultar-te... Agora que tens um defensor! Cambada! (JOÃO E OS SEUS, QUE A ÊSTE TEMPO ESTÁ POR DETRÁS DE FRÓIS , LANÇA-LHE A MÃO À GOLA DA CASACA)

JOÃO - Está prêso por parte da Justiça.

JÚLIA - Ah!

FRÓIS - Prêso?

JOÃO - Como falsificador de firma. Cá está o mandado.

JÚLIA - (RECUANDO) Meu Deus! Falsificador?

FRÓIS - Estou perdido!

MARIA - Olhem o ladrão que nos chamava canalha!

TODOS - Fora o ladrão!

JÚLIA - Ah! (PONDO A MÃO SÔBRE O CORAÇÃO E COMO PRESTES A CAIR. MARIA, VENDENDO-A NESSE ESTADO, CORRE PARA JUNTO DELA)

JOÃO - (PARA FRÓIS) Acompanhe-me.

FRÓIS - (FORCEJANDO PARA SOLTAR-SE) Deixai-me ... Júlia ! (JÚLIA DESMAIA NOS BRAÇOS DE MARIA)

MARIA - Desmaia ! Senhora?

FRÓIS - (FORCEJANDO) Deixai-me!

Os Meirinhos

JOÃO - Agüenta, rapaziada, e levemo-lo à fôrça! (OS DOIS QUE O ACOMPANHARAM SEGURAM EM FRÓIS)

FRÓIS - (DEBATENDO-SE) Oh, oh!

JOGADORES - Fora o ladrão!

JOÃO - Nada de residência à Justiça... Agüenta, rapaziada! (VÃO CONDUZINDO O À FORÇA PARA FORA.)

FRÓIS - Deixai-me, deixai-me ! Júlia? (TODOS OS JOGADORES O SEGUEM DANDO APUPADAS, ASSOBIOS E GRITANDO; Fora , ladrão! Fora , ladrão!)

JOÃO - Agüenta, agüenta! (LEVAM FRÓIS À FORÇA PELO FUNDO E SAEM COMPLETAMENTE DE CENA.)(MARIA TEM JÚLIA SUSTIDA NOS BRAÇOS E PROCURA FAZÊ-LA TORNAR A SI.)

MANUEL - (PARADO NO MESMO LUGAR, ENQUANTO LEVAM FRÓIS) Ladrão! Ladrão!

MARIA - (PARA CHEM-CHEM) Ajude-me aqui.

CHEM-CHEM - (CHEGA-SE PARA JUNTO DE MARIA) Pobre senhora! O que faremos?

MARIA - Está fria... não vai ela morrer...

CHEM-CHEM - Peior é essa.

MARIA - Será bom mandar chamar um médico. (PARA MANUEL) Vai chamar um médico.

MANUEL - (APROXIMANDO-SE) Dá cá o pulso.

CHEM-CHEM - Dá-lhe um golpe da gloriosa , e verás.

MARIA - O senhor não tem por aí alguma cama?

CHEM-CHEM - Tenho naquele quarto.

MARIA - O melhor é levá-la para lá, deitá-la ; talvez que assim volte a si.

CHEM-CHEM - Pois levemo-la. (VÃO LEVANDO A JÚLIA MEIO CARREGADA E SAEM PELA ESQUERDA.)

MANUEL - (SÓ) Dá-lhe a gloriosa sempre-viva! Isto está muito bom. Que ladrão! Ora viva, que tenho as pernas a ver jurar testemunhas... (ASSENTA-SE À MESA) O descanso Deus amou. (CANTANDO) Vida de minha vida... (PEGANDO NA GARRAFA QUE ESTÁ SÔBRE A MESA) Vem cá, minha companheira. (DEITA VINHO NO COPO E BEBE. CANTANDO) Não tem juízo, diz minha tia, quem nunca prova, filosofia...

CENA XI

Entra apressado AUGUSTO.

AUGUSTO - (ENTRANDO E VENDENDO MANUEL) Oh, enfim o encontro ,senhor.

MANUEL - Que é lá?

AUGUSTO - Não foi o senhor que em companhia do Sr. Fróis, ainda não há uma hora, tiraram por justiça a filha do Sr. Florêncio?

MANUEL - E tem que dizer a isto?

AUGUSTO - Aonde está essa senhora? Para onde a conduziram?

MANUEL - Quem ? Ela a menina?

AUGUSTO - SIM, sim, e depressa , que talvez ainda seja tempo de salva-la. Depressa!

MANUEL - Sei lá disso... Importo-me cá com isso...

AUGUSTO - (SEGURANDO E SACUDINDO) Hás-de dizer , ou eu...

MANUEL - Então , que é lá isso, hem?

CENA XII

JÚLIA sai do quarto apressada diante de MARIA e CHEM-CHEM.

JÚLIA - (ENTRANDO) Deixai-me , deixai-me!

AUGUSTO - (VENDO-A) Dona Júlia!

JÚLIA - (VENDO-O) Augusto!

CENA XIII

JOSÉ, só.

JOSÉ - (DEPOIS DE OBSERVAR A AUGUSTO E JÚLIA QUE SAEM) Olá , está belo! Onde! Onde pilharia o malandro esta menina? E parece que vão de batida... Muito bem; cá me ficam as feições , talvez venha a servir... Pareciam-me assim sarapantados... Não tem dúvida, é o que penso.

CENA XIV

Entra FLORÊNCIO apressurado.

FLORÊNCIO - (ENTRANDO) Senhor?

JOSÉ - Que é lá ? (À PARTE) Êste também parece-me assaralhopado.

FLORÊNCIO - Sois oficial de justiça?

JOSÉ - Para o servir.

FLORÊNCIO - Vistes aqui uma moça em companhia de um moço?

JOSÉ - Um moço e uma moça? Vi, vi.

FLORÊNCIO - E aonde estão?

JOSÉ - A moça é assim de uma estatura regular ,cintura fina, corpo bem lançado, olhos vivos e expressivos, bôca engraçada...

FLORÊNCIO - Sim, sim, mas disse-me...

JOSÉ - Homem, deixe-me acabar o retrato. Pé delicado , andar garboso, e um não sei o que de feiticeiro em todos os gestos...

FLORÊNCIO - É isso mesmo. E onde está?

JOSÉ - Há pouco que daqui saíram.

FLORÊNCIO - Ah, é talvez tarde! Senhor, nesta carteira estão quinhentos Mil... Êles pertencerão à pessoa que dentro de cinco minutos prender êsse homem que leva minha filha roubada.

JOSÉ - Oh, a moça é vossa filha e vai roubada? E os quinhentos mil-réis são para a pessoa que prender o melquetrefo?

FLORÊNCIO - Sim, e mais ainda, se o pedir.

JOSÉ - No pedir mais não será a dúvida... Esperai aqui um momento, que tereis notícias minhas e do dito. Verá para quanto serve José Patusco em uma ocasião desta. Alerta, rapaz , que os quinhentos estão na unha. Volto em um pulo... (Sai correndo)

FLORÊNCIO - (SENTA-SE JUNTO A MESA) Desgraçado de mim... Filha ingrata! Abandonares teu pai, que tanto te amava, para seguires um homem manchado de crimes e vícios... Tardio andei eu. Fatal paixão! Se há mais tempo o tivesse à justiça... Ah, a estas horas talvez já ligados! (AQUI ENTRA PELO FUNDO MANUEL COM UM PAPEL NA MÃO, QUE LÊ ATENTAMENTE; SEGUE-O MARIA) Oh, que enlouqueço! Com tanto amor criada, para assim acabar... Meu Deus, meu Deus, preveni o crime (ESCONDE A CARA NAS MÃOS E FICA COMO ABSORTO)

MARIA - (PARA MANUEL, À PARTE) Vem para casa. O que estás a ler? Vem!

MANUEL - Cala-te, mulher ,olha. (MOSTRANDO-LHE O PAPEL E LENDO) "Por ordem da Polícia, o oficial de justiça Manuel da Assunção Amor Divino - é cá a pessoa - prenderá onde quer que encontre o réu Fróis Figueiras, por haver falsificado, etc." ENTÃO, tem que lhe dizer?

MARIA - Bem vejo, mas como hás-de tu prender a um homem no estado em que estás?

MANUEL - Meu estado é ... meu estado... (VENDO FLORÊNCIO) Olá , quem é êste?

MARIA - Deixa lá quem está quieto.

MANUEL - Será o meu homem? Vejamos os sinais... (VENDO NO PAPEL) Alto...

MARIA - Qual alto!

MANUEL - Psiu! (LENDO) Vinte e cinco anos... Êste não tem mais.

MARIA - Que? Êste homem tem mais de cinqüenta!

MANUEL - Psiu! (LENDO) Cabelos pretos... É ele , não tem dúvida.

MARIA - Pois chamas aqueles cabelos pretos? Brancos como são?

MANUEL - Psiu ! Não atrapalhes a Justiça. (LENDO) Ar decidido... É êle, não tem dúvida! (CAMINHANDO PARA FLORÊNCIO E BATENDO-LHE NO OMBRO) Estás prêso por parte da Polícia.

MARIA - Manuel !

FLORÊNCIO - (LEVANTANDO-SE) Ah, o que quereis?

MANUEL - (AGARRANDO-LHE NA GOLA DA CASACA) Estás prêso.

FLORÊNCIO - Prêso? E por que?

MANUEL - La no xilindró lhe dirão.

FLORÊNCIO - Mas senhor , quero primeiro saber...

MARIA - Meu senhor , êste homem não sabe o que faz , não está em seu juízo.

MANUEL - Meu juízo? Olha que te levo também para cadeia. (PARA FLORÊNCIO) Está preso.

FLORÊNCIO - Deixai-me!

MANUEL - Está preso, e tenho dito. Aqui está a ordem . (APRESENTA-LHE A ORDEM, FLORÊNCIO, TOMANDO A ORDEM , LÊ EM SILÊNCIO)

MARIA - (PARA MANUEL) Larga o homem, que não é êste. Não vês que é um velho, e que (o) outro deve ser moço?

MANUEL - Psiu! Não atrapalhes a Justiça.

CENA XV

Aqui entra correndo pelo fundo FRÓIS, todo rôto, e sem ver os que estão em cena sai acelerado pela porta da esquerda e a fecha sôbre si.

FLORÊNCIO - (VENDO FRÓIS) E êle! (PARA MANUEL) Senhor , viste aquêle homem que para ali entrou correndo? É dêle que reza esta ordem de prisão. Fazei vosso dever, ide prende-lo!

MANUEL - Ah, a ordem é para êle ? Está bom; então queria perdoar. Maria, vamos prendê-lo (ENCAMINHA-SE PARA A PORTA POR ONDE SAIU FRÓIS)

MARIA - Vem cá, homem.

MANUEL - Psiu! Não atrapalhes a Justiça.

FLORÊNCIO - Depressa! (À PARTE) Como explicar isto? E ela?

MANUEL - Está fechada.

FLORÊNCIO - Arrombai!

CENA XVI

Entra JOSE trazendo prêso AUGUSTO; JÚLIA os segue.

JOSE - Nada de resistência! (PARA FLORÊNCIO) Aqui está o ladrão da moça.

FLORÊNCIO - Augusto! Júlia!

AUGUSTO - (AO MESMO TEMPO) O Sr. Florêncio!

JÚLIA - (AO MESMO TEMPO) Meu pai!

FLORÊNCIO - O que quer isto dizer? Como vos achais aqui?

JOSÉ - Êste é o ladrão que roubou a vossa filha . Pilhei-os mesmo com a bôca na botija. E venham os quinhentos...

FLORÊNCIO - (PARA AUGUSTO) Explicai-me...

AUGUSTO - Sabendo que infame tirava a vossa filha por justiça , corri em seu alcance, e felizmente ainda cheguei a tempo de a salvar. Conduzia-a para vossa casa, quando êste homem prendeu-me e para aqui conduziu-me.

FLORÊNCIO - E ela? Ela... ainda está livre ... ou...

AUGUSTO - Ainda, senhor! O malvado não deve tempo de consumir o crime.

FLORÊNCIO - FILHA, filha, a meus braços , que ainda te posso perdoar! (CORRE E ABRAÇA-SE COM JÚLIA)

JÚLIA - Meu bom pai, perdoa-me!

CENA XVII

Entra JOÃO, seguido de CHEM-CHEM e todos os jogadores.

JOÃO - (ENTRANDO) Por aqui, por aqui; entrou por aqui.

MANUEL - Quem vem lá?

AUGUSTO - O que é isto ,senhores?

JOÃO - Oh, cá está o velho! Senhor , pus em execução a ordem de prisão que me deste contra o falsificador; prendi-o e levava-o para cadeia, quando de caminho fugiu. Mas creio que veio para aqui.

FLORÊNCIO - E não vos enganais... Senhores, quinhentos mil-réis prometi eu a êste senhor oficial de justiça para prender o indivíduo que ali se acha.

TODOS - Ali?

FLORÊNCIO - Sim. E agora acrescentarei: o primeiro que lhe botar a mão em cima tem um conto de réis.

TODOS - Um conto?

FLORÊNCIO - Sim. E todo aquêle que o ajudar depois , terá cinqüenta mil-réis.

TODOS - Eu é que hei-de ganhar o conto! Vamos , vamos! (JOÃO, JOSÉ , CHEM-CHEM e jogadores dirigem-se de tropel para a porta.

JOÃO - Está fechada.

VOZES - Arromba! Arromba! (ARROMBAM A PORTA E SAEM TODOS DE TROPEL, EMPURRANDO-SE UNS AOS OUTROS)

CENA ÚLTIMA

FLORÊNCIO , AUGUSTO, JÚLIA , MANUEL E MARIA.

MARIA - (PARA MANUEL) E tu, não queres ganhar o conto?

MANUEL - Hei-de ganhar como um gato. (AGACHA-SE JUNTO A PORTA , COMO UM GATO QUE ESPERA A PRÊSA)

FLORÊNCIO - (PARA AUGUSTO) Meu caro amigo, como vos hei-de eu pagar êste serviço ?

AUGUSTO - Senhor!

FLORÊNCIO - Filha , filha , estás salva, mas desgraçada! Quem , sabendo do ocorrido, te quererá por espôsa?

AUGUSTO - Aquêlê que conhece sua inocência. Eu , senhor.

JÚLIA - Augusto!

FLORÊNCIO - Marcelo generoso, salvaste-a de um abismo! É bem que ela te pertença. Filha , é teu pai quem te pede.

JÚLIA - E a gratidão que ordena.

AUGUSTO - Somente a gratidão?

JÚLIA - (ESTENDENDO -LHE A MÃO) À gratidão segue-se amor.

AUGUSTO - (BEIJANDO-LHE A MÃO) Feliz de mim.

VOZES - (DENTRO) Pega, pega! (FRÓIS ENTRA DE ROLDÃO, COMO QUERENDO FURGIR DE QUEM O PERSEGUE. MANUEL , QUE ESTÁ Á PORTA AGACHADO SALTA SÔBRE ÊLE E é LEVADO QUASE DE RASTOS ATÉ O MEIO DA CENA, ONDE CAEM AMBOS e rolam. José, JOÃO, CHEM-CHEM e os jogadores entram em cena em seguimento de FRÓIS, GRITANDO. VENDO NO CHÃO COM MANUEL , CAEM TODOS SOBRE ELE, COMO QUERENDO CADA UM SER O PRIMEIRO EM PRENDE-LO. ROLAM TODOS PELO CHÃO, GRITANDO. VOZES) Fui eu que ganhei! Fui eu ! O primeiro fui eu ! Fui ! Não foi! Ganhei! GANHEI! O conto é meu ! (ETC)

FRÓIS - (DEBAIXO DO HOMEM) Ai, ai, que morro! Ai, ai socorro! (JÚLIA E MARIA FOGEM PARA A EXTREMIDADE DA DIREITA. FLORÊNCIO E AUGUSTO DIRIGEM-SE PARA OS HOMENS QUE ROLAM PELO CHÃO)

FLORÊNCIO - Basta, basta, não o matem! (Etc)

AUGUSTO - (AO MESMO TEMPO) Senhores, olhem que assim o matam! (ETC) (LEVANTAM-SE TODOS SEGURANDO EM FRÓIS DO MODO QUE PUDEREM; QUAL PELOS BRAÇOS, QUAL PELAS PERNAS , CASACA, ETC.)

FLORÊNCIO - Enfim, senhor, estás prêso!

TODOS - (EM CONFUSÃO E GRITANDO) Fui eu o primeiro que o preendi! Fui eu o primeiro! Fui eu!

MANUEL - (COM FORÇA) Psiu! Não atrapalhem a Justiça. Fui eu o primeiro.

MARIA - Vossa Senhora bem viu que foi êle o primeiro.

FLORÊNCIO - Bem sei. (PARA MANUEL) Tereis o conto de réis e cada um dos senhores

Os Meirinhos

cinquenta mil-réis. E tu (PARA FRÓIS) homem perdido e sem honra, vê na sua felicidade (APONTANDO PARA AUGUSTO E JÚLIA QUE ESTÃO JUNTOS) o teu primeiro castigo. (PARA OS HOMENS) Levai-o!

TODOS - Vamos, vamos!

FLORÊNCIO - Meus filhos! (ABRAÇANDO-OS)

JÚLIA - (AO MESMO TEMPO) Meu pai!

AUGUSTO - (AO MESMO TEMPO) Meu pai!

MARIA - (AO MESMO TEMPO ABRAÇANDO MANUEL) Que felicidade!

MANUEL - (ABRAÇANDO MARIA) Um conto de réis!

Os Meirinhos